

Melo, M. F. A. Q.; Machado, M. N. M.; Medeiros, L.
O que move o campo da Psicologia Social em tempos sombrios?

O que move o campo da Psicologia Social em tempos sombrios?

Editorial

Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo¹

Marília Novais da Mata Machado²

Larissa Medeiros³

¹ E-mail: fatimaqueiroz.ufsj@gmail.com

² E-mail: marilianmm@gmail.com

³ E-mail: larissa@ufsj.edu.br

A Psicologia Social no Brasil assumiu um histórico de lutas em muitos campos. Na Saúde, na Educação, no Trabalho, na atuação em comunidades, as ações desenvolvidas por profissionais da Psicologia têm se destacado por uma postura crítica e compromissada com os movimentos sociais que apontam para uma sociedade mais justa e igualitária. Durante os governos anteriores ao Golpe de 2016, muitas foram as apostas nas políticas públicas que diminuíssem as desigualdades entre grupos, que amenizassem a exclusão e a vulnerabilidade de pessoas cujos direitos foram negligenciados pelo Estado. Trabalhos de pesquisa e intervenção se multiplicaram em suas estratégias, gerando a necessidade de sua publicização. Novos campos se abriram ao profissional que hoje compõe equipes interdisciplinares com assistentes sociais, médicos, sociólogos, antropólogos, em lugares onde as políticas públicas floresceram e hoje correm o risco de um retrocesso. A Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais flagra, em seus artigos, o reflexo desse movimento. São registros que precisam de divulgação para que funcionem como lastro e motor para novos empreendimentos, para que o crescimento do escopo de atuação da Psicologia não recue diante da desesperança e do obscurantismo.

Neste número que inicia o ano de 2018, sobressaem, no conjunto, quatro artigos dedicados a discutir trabalhos que envolvem o uso de drogas, desenvolvidos num fluxo de estratégias de enfrentamento que, hoje, contrastam com a lógica de desmonte das políticas públicas. Na maioria dos Projetos de Lei apresentados em 2015 e 2016, pós Golpe, as propostas que compõem a “guerra às drogas” passam a ser calcadas numa perspectiva punitiva e de

redução do espectro dos direitos humanos dos usuários (Assis & Silva, 2017).

Helenice Pereira Lopes, da Faculdade Ciências da Vida, e Aline Moreira Gonçalves, vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais, discutem *A Política Nacional de Redução de Danos: do paradigma da abstinência às ações*. As autoras abordam aspectos da evolução histórica das políticas sobre drogas, marcadas por visões ambíguas e muitas vezes conflituosas. Apresentam a política de redução de danos como uma das que, ao contrário do paradigma da abstinência, busca o cuidado e a manutenção dos direitos e da liberdade de escolha dos usuários. A questão central são os desafios a serem superados nesse campo de atuação.

Uso de crack e suporte familiar: implicações na assistência é outro artigo que lança o foco na problemática das drogas. A partir da triangulação de perspectivas dos diversos atores envolvidos na atenção e cuidado, as autoras Michele Maria Campos Carvalho e Suely de Melo Santana, da Universidade Católica de Pernambuco, investigaram a relação entre a perspectiva de suporte familiar de usuários de crack, de familiares e de técnicos sociais do Programa ATITUDE, utilizando o Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) com 46 usuários e entrevista semiestruturada com 8 respondentes do (IPSF), 12 técnicos e quatro familiares. Os resultados apontaram a percepção de um baixo suporte familiar, assim como a predominância do apoio materno e a influência dos pares se sobrepondo à da família na relação dos usuários com o crack.

O artigo *Políticas públicas de atenção aos usuários de drogas no contexto brasileiro: revisão narrativa de*

literatura, de Rosane Terezinha Xavier; Jéssica Limberger, Janine Kieling Monteiro e Ilana Andretta, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, tem como objetivo compreender as políticas públicas que embasam tais serviços a partir de uma análise da literatura publicada em artigos, livros e leis. As autoras apresentam um percurso histórico sobre a política sobre drogas e as ênfases dadas em cada período.

Destacando a questão de *Como o crack e outras drogas podem influenciar no desenvolvimento de crianças que foram expostas durante o período gestacional*, Amanda Prachthäuser Rodrigues, Daniela Dalcim, Morgana Eschenbach, Vancéli dos Santos Ramos e Luiz Arthur Rangel Cyrino, da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), buscam, a partir de uma pesquisa bibliográfica, “levantar reflexões sobre o abuso de substâncias químicas como o álcool e drogas, em especial o crack, no período gestacional e o impacto que poderá ocorrer após o nascimento dos filhos cujas mães foram usuárias durante a gestação”. Devido à importância do tema e dos resultados obtidos, apontam para a necessidade de novos e aprofundados estudos.

Dois artigos falam sobre o papel dos educadores na relação com instituições. Em ambos, coloca-se em cheque a ação dos educadores que trabalham nessas instituições complexas que são os abrigos e a necessidade de superar a descontinuidade das políticas públicas de acolhimento da criança e do adolescente em situação de vulnerabilidade.

No artigo *Cartografando a atividade do educador de um abrigo institucional*”, Willian Mella Giroto e Fernanda Spanier Amador, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentaram uma pesquisa-intervenção

relativa ao trabalho do educador visto como atividade. Para tanto, valeram-se das teorizações das abordagens clínicas do trabalho, sobretudo da Ergologia e da Clínica da Atividade. A cartografia foi o método que lhes autorizou participar de rotinas e coletivos de análise do trabalho dos educadores do abrigo. Observaram que as atividades desses trabalhadores implicam gestão de afetos e relacionamentos impossíveis de serem antecipados, por se darem em um vazio de normativas. Apontaram recursos usados para se enfrentar as provações do real e espaços coletivos catalizadores da atividade laboral.

Camila Fornelli Costa, Thaís Ferreira Santos, Vanessa Silva Santos e Luís Antônio Gomes Lima, da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, pesquisaram em *Entre a instituição e o lar: uma odisseia com educadores* o impacto que os sentimentos, pensamentos e atribuições de sentido ao próprio trabalho de nove educadores entrevistados têm sobre o desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes em instituições de acolhimento. Os autores verificaram que os educadores veem as instituições como extensões de lares e provedoras melhores que as famílias de origem dos acolhidos; lamentam o pouco contato das crianças e adolescentes com suas respectivas famílias; buscam sem sucesso um equilíbrio entre distanciamento profissional e afeto no contato com os acolhidos.

A formação do psicólogo com ênfase no cuidado e no trabalho com grupos é abordada em dois artigos, reiterando a necessidade de sempre problematizar e reinventar a nossa prática profissional diante de novos desafios.

No artigo *O trabalho do psicólogo no CRAS: diferentes formas de cuidar*, Thalita Mara dos Santos, psicóloga de um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) em Uberlândia, com uma abordagem psicanalítica, reflete sobre a conceituação de cuidado. A autora vincula esse termo à capacidade do profissional de psicologia ouvir cada caso e oferecer suporte a cada sujeito, tomando-o como um cidadão responsável por si e pelos outros, sem fazer dele um objeto de tutela. Verifica, no entanto, que a psicologia e a assistência social empregam o termo num sentido mais amplo.

Em *Formando psicólogos para o trabalho com grupos*, Bianca Rodrigues Freitas e Eliane Regina Pereira, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pesquisaram o trabalho de estagiárias de psicologia da UFU que conduziam rodas de conversa na sala de espera de uma Unidade Básica de Saúde e apontaram, de um lado, a importância do trabalho com grupos para a formação profissional das estagiárias e, de outro, a insuficiência da graduação em Psicologia para a formação de profissionais para o trabalho em saúde pública.

Dois artigos falam sobre temas bastante explorados contemporaneamente: o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e a discussão sobre felicidade vs. sociedade de consumo.

As autoras Marina Serejo Girão e Veriana de Fátima Rodrigues Colaço, da Universidade Federal do Ceará, realizaram uma revisão sistemática de literatura sobre o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, apresentada no artigo: *TDAH na infância contemporânea: um olhar a partir da Sociologia da Infância e da Psicologia*

Histórico Cultural. Afirmam que os trabalhos encontrados indicam que há um questionamento entre a “preponderância do aspecto biológico na caracterização do TDAH em detrimento de sua constituição social”. Sua abordagem busca compreender o fenômeno a partir da sociologia da infância e da psicologia histórico-cultural.

Marcio Acselrad e Felipe Cardoso Vale, da Universidade Federal do Ceará, tornam públicos, no artigo *A representação social da felicidade e a sociedade de consumo na visão de jovens universitários*, os resultados da pesquisa “O que faz você feliz? - um estudo sobre a felicidade e a sociedade de consumo”. A felicidade como tema de preocupação de psicólogos sociais e psicanalistas foi trazida por meio de revisão bibliográfica e problematizada com a metodologia de grupo focal com jovens universitários de Fortaleza, com a pesquisa de sua representação social bem como com a análise da relação existente entre felicidade e consumo na contemporaneidade.

Mais três artigos fazem parte deste número:

Equipes de referência: contribuições para o trabalho em saúde mental é um artigo oriundo do campo da Enfermagem que teve como objetivo compreender a organização do arranjo da equipe de referência em saúde mental na perspectiva dos profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial em Santa Catarina. Através da pesquisa de abordagem qualitativa, com a utilização do referencial teórico-metodológico da avaliação de quarta geração, os autores, Elitiele Ortiz dos Santos, Leandro Barbosa de Pinho e Adriane Domingues Eslobão, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Valéria Cristina Christello

Coimbra, Luciane Prado Kantorskida e Ana Paula Müller de Andrade, da Universidade Federal de Pelotas, defendem que a conformação da equipe de referência facilita a organização do serviço no sentido de promover a construção de projetos terapêuticos singulares mais efetivos.

O grupo de autores Fernanda do Nascimento Pereira, Vanessa Aparecida da Silva, Giselle Diniz Rocha Barreto, Jéssica Maíres Severino Motta, Maria Nivalda de Carvalho-Freitas, Marcos Vieira da Silva e Andréa Carmen Guimarães, da Universidade Federal de São João del Rei, no artigo *Impactos de intervenções com atividades físicas e psicossociais na qualidade de vida de pessoas idosas*, em trabalho interdisciplinar entre a Psicologia e a Educação Física, relatam uma experiência realizada com 22 idosos de ambos os sexos que verificou a influência das intervenções físicas e psicológicas na melhoria da qualidade de vida dos idosos, identificando uma diferença significativa no que diz respeito às relações sociais e indicando a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas que visem atender às necessidades desse público.

Gustavo Henrique Carretero, doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no artigo *Adesão a movimentos totalitários e de massas: contribuições da Teoria Crítica da Sociedade*, com base em teorizações de Adorno e Marcuse, que tomaram a psicanálise como instrumento de análise da realidade social, analisou três obras de Freud, focalizando o conceito de ambivalência emocional. O autor evidenciou que libido e agressividade são conceitos manejados pela cultura

visando à adesão de massas e coletividades.

Fechando este número, temos a resenha de um livro que está em sintonia com as posições defendidas neste Editorial.

A proposta de Domitila Kawakami Gonzaga, doutoranda da Universidade de São Paulo, em *Narrativa sobre narrativas: caminhos possíveis para a pesquisa social*, foi resenhar o livro “Narrativas, gênero e política” que reuniu trabalhos apresentados no I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política, evento que aconteceu em Belo Horizonte – MG no ano de 2016. Em forma de coletânea, organizado em duas partes por Rosineide Cordeiro e Luciana Kind, o livro traz capítulos com narrativas de pesquisas e militância no campo da psicologia social, num momento marcado pela indignação diante das respostas governamentais que desconsideram um montante representativo da maior parte da população brasileira.

A Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, no esforço para divulgar os trabalhos submetidos com postagens mais ágeis, transitando da periodicidade quadrimestral para trimestral, agradece aos parceiros do Setor de Editoração da UFSJ, especialmente a Michel Montandon de Oliveira, técnico diagramador, que não tem medido esforços para que a revista se consolide como um periódico de qualidade no manejo do SEER, ao trabalho competente do revisor Adalberto Nunes Pereira Filho, à dedicação de nossa secretária Elisângela Ferreira e ao paciente trabalho da Caboverde Tecnologia e Serviços na conversão e marcação dos artigos para inserção da PPP no Pepsic.

Melo, M. F. A. Q.; Machado, M. N. M.; Medeiros, L.
O que move o campo da Psicologia Social em tempos sombrios?

Referência

Assis, D.A.D. & Silva, A.A. (2017). Políticas de saúde mental, álcool e outras drogas e políticas de crianças e adolescentes no poder legislativo. In 6º Congresso Internacional da ABRAMD Drogas e autonomia: Ciência, Diversidade, Política e Cuidados. Recuperado de [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/trabalho%20completo%20abramd%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/trabalho%20completo%20abramd%20(1).pdf) em 22 de março de 2018